

Mayana Neiva,
agora cantora,
lança seu 1º álbum

PÁGINA 2



Os 45 anos de
'Alien, o Oitavo
Passageiro'

PÁGINA 4



'Hamlet' inspira
peça com atores
com deficiência

PÁGINA 8



2º CADERNO



Daris Hale



Heber Miguel Leite



Jared Hauser



William Wielgus

Divulgação

Um dos mais bem sucedidos projetos de difusão da música de concerto no país, o Música no Museu tem dois filhos muito bem criados: o RioHarpFestival e o RioWindsFestival, dedicado aos instrumentos de sopro e que tem seu início neste mês de novembro, dando sequência há uma história iniciada há 13 anos com a Curadoria do oboísta Harold Emert, ex OSB, e a participação de expressivos nomes de instrumentos de sopros do Brasil e do exterior.

Como é marca do Música no Museu, os concertos gratuitos são realizados em museus, centros culturais e pontos turísticos e históricos da cidade.

A abertura será nesta sexta-feira (1), na Igreja Lapa dos Mercadores, com o Grupo de Flautas Doce Fino Som e o Coral Vozes Encanto. E na programação com grandes nomes nacionais e internacionais destacam-se os oboístas Eric Ohlsson, William Wielgus, Jared Hauser e Pierre Jatobá; os fagotistas Daris Hale e Richard Meek; os clarinetistas Heber Leite Miguel, Jackie McIlwain e Julie

RIO DE SOPROS



Eric Ohlsson

Cidade recebe mais uma edição do RioWindsFestival com atrações brasileiras e estrangeiras em concertos gratuitos

Detweiler.

“A parte maravilhosa de viver e trabalhar no Brasil é que ninguém nunca diz que algo é impossível, ao contrário - pela minha experiência - a resposta tem sido ‘vamos tentar’”, comemora Emert. “Assim, numa terra mais conhecida pelo seu amor pelos pianistas, ou ‘Pianolândia’ - que eu conheci pela primeira vez na década de 1970, quando me juntei à Orquestra Sinfônica Brasileira como primeiro oboísta - tentamos em 2010 um festival de palheta dupla e surpreendentemente atraiu um público. O Brasil é uma cultura em que, quando algo se torna popular, de repente novas estrelas parecem surgir de lugares onde dificilmente se esperaria encontrá-las”, acrescenta.

A programação completa inclui ainda a Orquestra RioCamerata reunindo músicos brasileiros no Espaço Cultural Arte Sesc com a Orquestra RioCamerata, sob a regência do Maestro Alexandre Rocha.

SERVIÇO

RIOWINDSFESTIVAL 2024

De 1 a 30/11

Programação completa: www.musicanomuseu.com.br.

CORREIO CULTURAL

Expandindo as fronteiras musicais nordestinas



Divulgação

O Beale Street completa 25 anos de estrada

Beale Street é atração desta quinta no Coordenadas Bar

O Goose Blues Session – projeto do Coordenadas Bar, em Botafogo, dedicado exclusivamente ao blues – entra em sua penúltima semana. Nesta quinta (31) a atração é o Beale Street, grupo de blues/rock na estrada desde 1999 e que já participou de diversos festivais do gênero no país e na Argentina.

O nome da banda, que com-

pleta 25 anos, celebra a boêmia rua de Memphis, no Tennessee (EUA), onde o blues deixou de ser acústico e se tornou elétrico. O grupo, formado por Ivan Mariz (guitarra e voz), Rodrigo Eberienos (gaita), Cesar Lago (baixo e voz) e Beto Werther (bateria e voz), tocará canções dos álbuns “Noubari Isof Airon” (2001) e “Vibratto” (2006).

Luto nas telas

Teri Garr, indicada ao Oscar de atriz coadjuvante pelo filme “Tootsie” (1982), morreu nesta terça (29), aos 79 anos. Também atuou em filmes de Francis Ford Coppola, Martin Scorsese e na série Friends, em que fazia a mãe da personagem Phoebe.

Fim da briga

Com um pedido formal de desculpas em suas redes, Zé de Abreu encerrou a briga com Murilo Rosa. O veterano ator ofendeu o colega em função de um episódio envolvendo a atriz Maria Zilda que teria dito a Rosa que Abreu tem mau hálito.

Nafragou

O filme “O Aprendiz”, que narra a ascensão de Donald Trump no mercado imobiliário dos anos 1970 e 1980, é fracasso de bilheteria no Brasil. Lançado há duas semanas, o longa teve público inferior a 20 mil espectadores, segundo dados da Ancine.

Por trás da obra

O mineiro Diego Mendonça é o artista por trás da obra compartilhada por Bruno Gagliasso em suas redes e que será levada para o rancho do ator. A peça mostra uma árvore completamente verde sobre a madeira de uma árvore muito antiga.

Atriz, diretora, escritora e agora cantora, Mayana Neiva faz show de lançamento de seu primeiro álbum

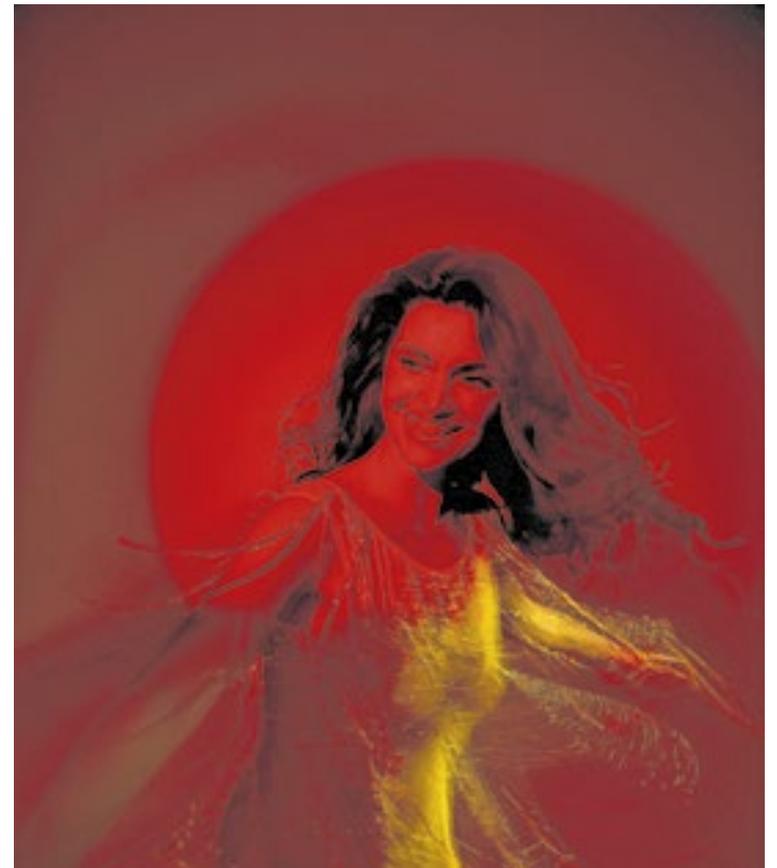
Multiartista paraibana que mora em São Paulo, Mayana Neiva chega nesta quinta-feira (31) ao Rio para o show de lançamento de seu álbum de estreia, “Tá Tudo Aqui Dentro”, no Manouche. Ela vai cantar e tocar saxofone para mostrar as faixas autorais de um trabalho que combina elementos da música nordestina com uma produção cosmopolita latino-americana que vai do forró ao tango, ao bolero, à cumbia...

Trabalho de rara e singela arte- sania, o disco é tratado pela artista como uma reinvenção de si mesma num trabalho que se encontra ancorado em tradições ancestrais nordestinas sem, no entanto, vislumbrar para sonoridades modernas. O Nordeste é portanto, ponto de partida e chegada desta feliz reunião de canções.

Seu ótimo disco se abre com “Cordel da Mulher Paraibana”, canção de ar manifesto, em que gramáticas sertanejas unem-se à cadência rítmica do maracatu para cantar sentimentos egressos da ancestralidade feminina que ressoa na profundidade de “Flecha”.

Mayana Neiva leva a seu disco de estreia parcerias de peso como as do conterrâneo Chico César em “Queima”, com a baiana Josyara em “Dopamina” e participações de virtuosos do piano (Zé Manoel) e do acordeom (Mestrinho).

A produção musical combina arranjos modernos com beats e sintetizadores a instrumentos



Sol Faganello/Divulgação

Mayana Neiva une nordeste e latinidade em seu trabalho fonográfico de estreia

orgânicos que formam um corpo sonoro em que as diferentes temporalidades se expressam por uma profusão de ritmos.

Colaboradores como Ylana, Yuri Queiroga, Guegué, Pupillo, Juliano Holanda e Igor de Carvalho encorpam a manufatura desse nordeste plural, atemporal e ao mesmo tempo ancestral, que também é irrigado com a participação dos produtores: Naná Rizzini, Magí Batalla, Marcus Preto, Marcel e Conrado Goes.

No palco, Mayana terá a companhia da banda formada pelos músicos Ed Woski (guitarra), Cosme Vieira (acordeom) e Bruno Marques (bateria).

Mayana é atriz, cantora, compositora, escritora e diretora. O

pública tem mais familiaridade com seus trabalhos como atriz como na minissérie “A Pedra do Reino”, no remake da novela “Ti Ti Ti”, nas séries “Fim” e “Rotas do Ódio”, de Susana Lira, no filme “O Silêncio da Chuva” e outras produções cinematográficas. Também é autora do livro “Sofia”. Com uma carreira sólida como atriz e no desejo de se expandir artisticamente em outras linguagens, começou sua carreira musical em 2022.

SERVIÇO

MAYANA NEIVA - TÁ TUDO AQUI DENTRO!

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

31/10, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia solidária, levando 1kg de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

Os discípulos do Zé

O premiado coletivo Choro na Rua mescla suas pérolas autorais e clássicos do gênero nesta quinta no Rival Petrobras

Por **Afonso Nunes**

Zé da Velha, o genial trombonista que foi discípulo de ninguém menos do que Pixinguinha (1897-1973), é a inspiração de um dos mais interessantes projetos musicais em curso na cidade: o Choro na Rua. Liderado pelo trompetista e compositor Silvério Pontes, o coletivo foi criado em 2016 para levar a ma-



Divulgação

O Choro na Rua divulga o gênero em espaços públicos desde 2016

gia da roda de choro para um público maior, ocupando espaços urbanos.

Com seu álbum de estreia, “Obrigado, Zé da Velha!” (2023), o grupo venceu as categorias Melhor Grupo Instrumental e Revelação Regional do Prêmio da Música Brasileira deste ano. Este belíssimo trabalho de resgate deste ritmo tão carioca é a atração desta quinta-feira (3), no Teatro Rival Petrobras.

Os eventos do Choro na Rua são geralmente gratuitos e abertos ao público. Os músicos se reúnem em locais estratégicos, como praças e parques, e realizam apresentações de

choro, convidando o público a participar e a conhecer mais sobre esse gênero musical tão rico. O calendário de apresentações do grupo pode ser conferido em ruas e redes sociais.

No repertório, composições de músicos do coletivo e grandes sucessos de mestres chorões, como Pixinguinha, Benedito Lacerda, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, Severino Araújo, Sivuca e Altamiro Carrilho. “Carinhoso” (Pixinguinha e João de Barro) e “Receita de samba” (Jacob do Bandolim) são dois clássicos sempre presentes em seus shows.

“O Choro na Rua começou por acaso. O André Diniz (pesquisador) escreveu a biografia “A menor Big Band do mundo – Zé da Velha e Silvério Pontes 30 anos”. Em 2016, lançamos o livro na Livraria Al-farabi (então na Rua do Rosário). Para o dia do lançamento, providenciamos uma roda de samba, para dar uma animada. Deu tanta gente, que não teve espaço pra roda. Então, fomos tocar na rua. Juntou muita gente. E de repente, estavam vendendo cerveja em isopor, na rua para o público da roda. É muito legal tocar na rua. Às vezes eu tocava na rua porque o boteco onde iria me apresentar era muito pequeno. Vendo aquele movimento todo, pensei que seria muito bom tocar pelas praças, para mais pessoas, para renovar o público. E assim criei o Choro na Rua”, conta Silvério, que começou a carreira na banda de Luiz Melodia e passou pela Vitória Régia, de Tim Maia, e Cidade Negra, entre outras.

SERVIÇO

CHORO NA RUA - OBRIGADO, ZÉ DA VELHA!

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

31/10, às 19h30

Ingressos entre R\$ 39 (meia) e R\$ 110

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Xô, sofrência!

Unindo uma parceria criativa, amorosa e cultural, Valeria Sattamini e Juliano Juba preparam o álbum de estreia “Los2”, projeto que une MPB com toques de música latina, como pode ser visto no single que antecede o trabalho, “Quando Tudo Isso Passar”. Este também é o primeiro lançamento do selo Letra & Música, criado pelos artistas. O novo álbum trará uma proposta musical centrada no amor maduro e leve, distanciando-se da “sofrência” típica de muitas canções românticas.

Monique Cabral/Divulgação

Reprodução Instagram



A gravidez fake

Anitta surpreendeu os fãs ao aparecer com barriga de grávida em fotos no Instagram. Mas a cantora não está gestante de verdade. Tratava-se de suspense para o lançamento do single “São Paulo”, sua parceria com The Weeknd, lançada nesta quarta-feira (30) nas plataformas digitais. A faixa deverá estar presente em “Hurry Up Tomorrow”, sexto álbum de estúdio do cantor. A brasileira e o canadense já deram uma amostra do que está por vir em setembro, quando a funkeira subiu ao palco durante show de The Weeknd na capital paulista.

Divulgação



O lado bom das sereias

O cantor, compositor, multi-instrumentista e produtor Rod Melim lança o single “Mina Sereia”, seu primeiro trabalho solo desde que a banda Melim entrou em recesso. Escrita em parceria com Vitor Tritom, a canção vem acompanhada de um videoclipe gravado na praia de Itaipu, em Niterói, cidade natal do cantor. Nele, a atriz Duda Romanhol interpreta uma versão reinventada dessa marcante figura mitológica. “Quando fui fazer o clipe, preferi explorar o lado bom e encantador das sereias, como a beleza, a atração, a conexão com o mar e a liberdade de ser quem é”, define Rod.



Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Faltam 15 dias cravados para sir Ridley Scott, hoje com 86 anos, estreitar “Gladiador II” e se firmar, uma vez mais, como candidato ao Oscar, sendo que Denzel Washington, de acordo com as primeiras críticas ao filme, tem tudo para papar uma indicação da Academia de Hollywood por seu desempenho como um estrategista ligado ao Coliseu.

Enquanto o filme não chega por aqui, o circuito brasileiro pode celebrar o cineasta inglês a partir de uma de suas criações mais seminais, que está comemorando 45 anos de sucesso. Neste domingo, às 20h30, a mostra Terrível: Parte 3, do Grupo Estação, leva ao NET Botafogo, ali na Voluntário da Pátria 88, um cult da sci-fi que se mescla ao horror: “Alien – o 8º Passageiro”. Foi em 1979 que a criatura de saliva ácida, inspirada em pinturas e referências gráficas surrealistas do suíço Hans Ruedi Giger (1940-2014) chegaram às telas pela primeira vez, faturando cerca de US\$ 187 milhões – cerca de 17 vezes mais do que seu custo de produção, estimado em US\$ 11 milhões. Era um tempo assolado por “Star Wars”, que estreou em 1977, fazendo Hollywood desejar tramas espaciais a granel. Eis que Scott somou, com competência invejável, dois filões: sci-fi e filme de monstro. Nasceu ali um fenômeno.

Quando a Fox idealizou o projeto, realizadores como Peter Yates, Jack Clayton e Robert Aldrich foram considerados como potenciais pilotos para a jornada espacial da tenente Ripley, papel que celebrou Sigourney Weaver, laureada este ano com o Leão de Ouro Honorário, dado pelo Festival de Veneza. Na ocasião, o roteirista Dan O’Bannon e os produtores precisavam de um jovem talento com mais estilo, para impedir que o projeto pudesse parecer um filme B. Eis que o sucesso de “Os Duelistas” (1977), que deu Ridley o prêmio de Melhor Filme de Estreia em Cannes, fez desse publicitário britânico a escolha precisa.



Um monstro de saliva ácida mudou a cultura pop e rendeu cerca de US\$ 1,8 bilhão a Hollywood

‘Alien’, 45 anos de terror e sucesso

Metáfora para a xenofobia, a criatura celebrizada em cult de Ridley Scott, de 1979, vai ser alvo de debates no festival ‘Terrível’, do Estação

Somando-se as bilheterias dos sete filmes da série Alien, mais os dois (desastrosos) derivados nos quais o Predador é o algoz, totaliza-se uma receita de US\$ 1,8 bilhão para os cofres os cofres da Fox e da própria ficção científica, que tem do monstro uma mina de ouro, mas também de controvérsia. Um novo capítulo, “Romulus”, dirigido por Fede Alvarez, foi lançado este ano e arrecadou US\$ 351 milhões.

O que existe nessa franquia de mais precioso (ou melhor, de per-

verso), nestes tempos em que Donald Trump pode voltar ao Poder nos EUA, é o refinado tratamento que o veterano diretor inglês dá à questão dos “estrangeiros”, das invasões bárbaras, não esquecendo que tudo nesta grife milionária começou com a ideia do oitavo passageiro, ou seja, do intruso de outra nacionalidade. No filme original, uma obra-prima, uma nave com sete tripulantes se dava conta de um membro número oito, de outra origem territorial, que ali entrava para explorar os “recursos



Ridley Scott com Sigourney Weaver nos sets da aventura horrífica sci-fi que revelou a tenente Ripley

naturais” da embarcação – ou seja, comer e se reproduzir. Foi uma abordagem politizada, embalada em uma direção de arte sofisticada, que acabou sendo coroada com um Oscar de cenografia.

Seu lançamento se deu em dias de extrema direita na América. Era o fim dos anos 1970, encerrados numa ressaca de ideologias e desbundes. Nada mais adequado, portanto, do que um filme carregado da paranoia que ditaria as regras da política nos anos seguintes: invadir sempre que possível; ser invadido, nunca. É um período em que a América vira um porto para os degredados cubanos e para desertores eslavos. Mas qualquer presença “alienígena” é um sinal de alerta. Hollywood e a TV até apostam nos alienígenas “do Bem”, tipo o ET de Spielberg e Alf, da série homônima de TV, o ETei-

moso, aqui dublada por Orlando Drummond. Mas mesmo eles são ilegais, causam alarde, mudam regras, quebram normas de conduta. Eram tempos de Reagan. Agora são tempos de Trump. Há semelhanças, vis simetrias. Eis o Alien de volta, para fazer o trabalho sujo de nos lembrar que a ameaça maior é biológica, viva. E, por outro lado, menos visível, indicar que esta “sensação de ameaça” é um traço xenofóbico, racista, totalitário. Nada mais adequado, em meio ao totalitarismo atual, do que sua volta aos cinemas, na retrospectiva do Estação, que exhibe cinco filmes nesta quinta. Às 14h, tem “Psicose”; às 16h10, rola “Carrie, a Estranha”; às 18h05, passa “Banho de Sangue”; às 19h50, vai ser projetado “A Noiva Cadáver”, e às 21h30, será a vez de “O Gabinete do Dr. Caligari”.

Divulgação

ENTREVISTA / MARTA TORRES, CINEASTA, ATRIZ E ESCRITORA

'Ficamos reféns de sites de busca'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quando lançou o livro "O Romance do Pé-de-Rosa e a Bananeira", no fim de 2023, Marta Torres deu um spoiler ao Correio da Manhã do que viria ser seu projeto seguinte, no âmbito do audiovisual: "O filme que lançarei aborda a vida nas grandes cidades, o uso das redes sociais, a saúde mental". Essa é a premissa desenvolvida por ela em "Virtualidade", que circulou pelas telas do Chelsea Film Festival (EUA).

Em sua trama, cheia de referências ao cinema mudo, a diretora dissecou a era da inteligência artificial a partir da relação entre dois personagens que iniciam uma conversa pelo aplicativo "SocialVerse". O que se desenha como paquera vira um estudo sobre a retórica da cultura digital e, com ela, a solidão. No bate-papo a seguir, Marta Torres partilha com o Correio sua epistemologia de um mundo construído à base do ctrl+alt+del.

Qual é o espectro de solidão que existe no SocialVerse, o app de "Virtualidade"? Que sintomas da cultura digital balizam a sua investigação no filme?

Marta Torres: Senti que, como sociedade, nós estávamos despreparados para as armadilhas das ilusões no meio virtual. A imagem em movimento numa tela nos passa a sensação de verdade, de forma que somos naturalmente crédulos ao que acontece no mundo virtual, às vezes até mais do que no mundo real, pois neste já estávamos adaptados a questionar. A solidão trazida pela dúvida sobre o que é verdade, a angústia dessa dúvida é o tema principal do filme. Com o advento da inteligência artificial, essa angústia passa a ser apocalíptica. Há quase um monopólio da verdade pelo que é respondido ou mostrado nos sites de busca, as pessoas criam histórias de vida ilusórias e o povo acredita. Além de antidemocrática, essa crença hiper dimensionada no que existe no mundo virtual somada às novas tecnologias de inteligência artificial sedimenta percepções que são somente teorias, mentiras se tornam verdades e a dialética



Divulgação

do pensamento humano fica engessada. Então o filme tem o objetivo de semear a dúvida sobre o que é real no mundo virtual, e o que é ilusão no mundo real.

Que referências do cinema mudo inspiram seu olhar e qual é a provocação que existe no gesto de resgatar essa estética do início do século passado em plena era digital?

Charles Chaplin, que inclusive é mencionado no filme, inspirou-me a ousar fazer cinema independente utilizando a universal linguagem corporal como núcleo da contação de histórias. O resgate dessa fase do cinema mudo é uma forma de homenagear a história da sétima arte e lembrar que precisamos honrar a ancestralidade, quem veio antes. Ao retirar os diálogos falados, substituindo-os pela conversa por aplicativo, os personagens

se tornam universais, já que o mundo hoje já entende essa forma de comunicação. O cenário do romance é o Arpoador e Copacabana, no Rio, porém a história poderia ser em qualquer lugar do mundo hoje - exceto alguns poucos locais que estão desconectados do mundo virtual. É um tributo ao cinema clássico e um convite à dúvida quanto ao mundo virtual.

De que maneira a sua expressão como autora literária contagia a sua forma de pensar planos para as telas?

Essa história primeiro veio como literatura. Fiz alguns cursos de roteiro para aprender a passar para a linguagem do cinema. A ideia de fazer mudo e numa estética preto e branco envelhecido veio depois do curso de direção de arte na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. A escolha dos planos, das aulas de direção com Ruy Guerra; a interpretação, aos anos de aulas de atuação com Harildo Déda ("menos é mais", "palavra é vista na ação"); a fotografia, nas dicas de Evandro Teixeira. Graças aos brilhantes professores que tive, consigo fazer cinema independente. A literatura continua sendo a primeira forma que encontro de expressar o sentimento, só que tem coisas nas quais uma imagem vale mais que mil palavras e fico feliz quando algum filme alcança o espectador de uma maneira positiva.

Qual é o seu maior incômodo em relação à dependência virtual que todos temos hoje?

A falta de filtro para lidarmos com o conteúdo do mundo virtual. Ficamos reféns de sites de busca para acessar o conhecimento da humanidade, e antes mesmo de refletir sobre a razoabilidade do que há no mundo virtual, já acreditamos no que lá está e desacreditamos qualquer outra versão. Isso vale para relacionamentos íntimos, expressão de sentimentos e até a escolha de nossas/os representantes políticos. O maniqueísmo da verdade virtual (quando na maioria das vezes é uma percepção equivocada, transitória), os vereditos sem defesa, os cancelamentos, além de claro a ideia de que a vida da pessoa é só aquilo ali que é mostrado. Claro que tudo isso é imenso agora com a sofisticação da mentira, com o uso de ferramentas de inteligência social. Isso afeta a todas as gerações, o mundo inteiro. É o maior desafio da humanidade agora: a percepção do que é verdade no mundo virtual. Espero que "Virtualidade" traga dúvidas e chacoalhe nossas certezas. "Só sei que nada sei", como admitia o filósofo.

Por **Fernanda Mena** (Folhapress)

Trinta e um anos, em 23 de julho de 1993, um grupo de cerca de 50 crianças e jovens dormia nas escadarias da Igreja da Candelária quando seus sonhos foram interrompidos por tiros. Para sempre, no caso de oito deles, de 11 a 19 anos, mortos naquela madrugada por policiais militares que abriram fogo e fugiram.

A chacina da Candelária chocou o país, mostrou a ação de grupos de extermínio e teve repercussão internacional. Revelou ainda uma fotografia da miséria brasileira (crianças dormindo nas ruas) e um filme da história do Brasil: eram quase todas pretas. Esse é o fio da meada que o cineasta Luís Lomenha puxou na minissérie “Os Quatro da Candelária”.

Sem desviar das muitas brutalidades do caso, escolheu mergulhar no universo infantil de quatro integrantes do grupo. E, para jogar luz num cotidiano à margem e nos sonhos pueris de quem dormia na escadaria da igreja naquela noite, costura referências inusitadas para o tema, como *Os Trapalhões*, afro-futurismo, carnaval e o filme “A Fantástica Fábrica de Chocolates”.

Antes de explorar uma mistura de gêneros em uma narrativa não linear, no entanto, o primeiro episódio lembra que “a cidade do Rio de Janeiro recebeu 3 milhões de africanos escravizados durante quatro séculos de colonização europeia”, alguns dos quais ajudaram a erguer a Basílica Nossa Senhora da Candelária, a mesma onde esses seus descendentes foram assassinados em 1993.

Produzida pela Netflix, a minissérie foi baseada em relatos de sobreviventes da chacina às quais se misturaram histórias de vida do próprio Lomenha, criador e roteirista de “Os Quatro da Candelária”, cuja direção assina junto com Márcia Faria.

“A gente quis ir para um caminho de entrar na imaginação daquelas crianças e jovens. Fiz horas de entrevistas com o Wagner [dos Santos, testemunha chave do crime que buscou refúgio na Suíça], com



Por opção do diretor Luís Lomenha, os jovens que protagonizam ‘Os Quatro da Candelária’ não são atores

Um exercício de devolução da infância

Série retrata chacina da Candelária a partir de sonhos das vítimas. Diretor Luís Lomenha afirma que foi mais fiel à ficção do que à realidade

o Snoopy e a Érica [sobreviventes da chacina], que era a mais nova do grupo, e falamos do que aconteceu mas também de seus sonhos”, explica Lomenha, que encontrou ali o material para criar sua fantasia. “A gente foi muito mais fiel à ficção do que à realidade.”

Cada um dos quatro episódios da minissérie acompanha as 36 horas que antecederam os tiros da polícia na Candelária a partir de um dos quatro personagens principais da trama: Douglas, Sete, Jesus e Pipoca.

São crianças e jovens abandonados que buscavam os pais, ou filhos de pai e mãe assassinados, ou que foram para a rua para fugir de abusos dentro de casa. “Os personagens fazem coisas absurdas, como roubar bicheiro e fábrica de chocolate. Coisas do universo infantil de quem vivia naquela vulnerabilidade. A ideia é mostrar que eles eram crianças. Humanizar essas pessoas e devolver a infância para elas.”

O elenco principal é formado por crianças e jovens não-atores que a produção buscou em todo

canto e que surgem acompanhados por nomes como Antônio Pitanga, Péricles e Bruno Gagliasso, que vive um comerciante pai de família e amante de Sete, o mais velho do grupo da Candelária.

Lomenha, antes de ir para trás das câmeras, também foi um ator accidental no longa “Cidade de Deus”. Estava na Fundação Progresso quando foi abordado e questionado se queria fazer parte de um filme. Disse que não era ator, e ouviu: “Não precisa ser ator, só precisa ser preto”.

“Tomei um susto. Como assim? Aquilo naquela época era muito, muito raro”, lembra ele. Ele saiu da experiência de ator por acaso para fundar o projeto Cinema Nosso, uma escola popular de audiovisual criada com os diretores Fernando Meirelles e Kátia Lund, e trabalhar com Walter Salles, diretor do filme que mais o marcou, “Central do Brasil”.

Igualmente, Samuel Martins interpreta Douglas em “Os Quatro da Candelária” porque foi abordado na rua pelo ator Leandro Firmino, que faz o papel do pai postiço do garoto na minissérie. “Ele me ligou e disse que tinha acabado de encontrar um moleque em São Gonçalo tocando violino dentro do ônibus que dizia querer ser ator.”

Martins, diz o diretor, se mostrou perfeito para o papel, numa empreitada que levou meses e que fez a produção se estender a dois anos por conta das restrições nas filmagens impostas a filmes com crianças no elenco. “A gente encontrou um grupo muito legal de meninos que vêm de um lugar de onde eu vim, só que no século 21, quando as coisas são mais fáceis, a mobilidade urbana é melhor e eles podem dizer que são negros e ter orgulho disso.”

Lea Maria, a 'alemã de cria', faz humor com suas experiências como estrangeira no Brasil

Por Luísa Monte (Folhapress)

Se tem algo que muitos brasileiros gostam é de ver e ouvir estrangeiros elogiando o país. Mesmo cheio de defeitos, com falta de segurança, violência e problemas econômicos, o povo adora se gabar de que é o mais legal e animado do mundo. Lea Maria Jahn, que se define como “alemã de cria”, tem se beneficiado disso.

A humorista e influenciadora alemã faz vídeos nas redes sociais sobre sua experiência como gringa no Brasil para mais de um milhão de seguidores. Ela também faz espetáculos de humor nas capitais brasileiras para plateias lotadas. No início de outubro, gravou o especial “Alemã de Cria”, que será lançado em dezembro no seu canal do YouTube.

Lea grava vídeos nas praias cariocas, elogiando as “lojas de conveniência” que se pode encontrar ao lado do mar: tem biscoito de polvilho, protetor solar, mate com limão, churrasquinho e o que mais se precisar. Em São Paulo, ela sai pelos bares da Vila Madalena bebendo cerveja em copos americanos. Nas Olimpíadas, vibrou mais com os brasileiros medalhistas do que com os alemães, que não pulavam nem gritavam após as vitórias.

Europa? Agora só de férias. A passeio na Espanha, em Portugal ou na Alemanha, Lea brinca que lá as roupas são sóbrias demais e as pessoas, sérias demais. Pelo menos não há risco de furto - o maior perigo é, nesse caso, a depressão.

A humorista conheceu os primeiros amigos brasileiros na Nova Zelândia, que despertaram sua curiosidade em conhecer o país de povo caloroso: “Naquele momento, pensei: ‘Quero fazer parte desta bagunça, quero estar mais envolvida com pessoas, vivendo a vida real’”.

Há sete anos ela chegou no Brasil, inicialmente, para fazer um intercâmbio na Universidade de São Paulo (USP). Lá, estudou antropologia, o que contribuiu com uma base teórica sobre a cultura brasileira. “Adoro viajar e comeci a me interessar pelas culturas. O Brasil é uma



Vivendo há sete anos no Brasil, Lea Maria se tornou humorista por sugestão de amigos que ouviam suas experiências no país

Olha, que coisa mais gringa...

mistura de culturas do mundo inteiro em um único país”, avalia.

Foram os amigos de Lea que a incentivaram a contar suas histórias, que envolviam o melhor e o pior das experiências brasileiras, na forma de piadas. Ela começou a liderar um clube de comédia e a se apresentar em casas de stand-up. Durante a pandemia, migrou para a internet. “Meu stand-up viralizou e eu precisei captar dinheiro de alguma forma”, contou.

No início, Lea não entendia uma palavra em português. Aos poucos, foi aprendendo a falar - não sem alguns erros, que vinham sempre acompanhados de um comentário (como “que sotaque fofo”) e acabaram se tornando piadas em seus próprios shows. “Com o tempo, eu fui entendendo: por que me incomodar com o que eu erro? Isso vira piada.”

Foi assim que a humorista foi criando uma relação com o público brasileiro e aprendendo o que seria piada para nós, ou não. “Um exemplo do que a galera sempre fica problematizando é a política, muito polarizada aqui. E, aí, não interessa para qual lado você faz piada, você logo já é categorizado como chato e se restringe. Na verdade, a crítica deveria acontecer em qualquer momento, de qualquer lado, com quem está no poder ou não”, opina.

As relações com brasileiros também viraram amorosas. Lea aprendeu que somos capazes de criar várias categorias para relacionamentos “Tipo, eu tenho um caso com você, mas eu posso ter outros em cinco outras cidades. Ficantes, conversantes, amigos coloridos e mais”, diverte-se.

A alemã disse que só perdeu a confiança para ter relacionamentos monogâ-

micos com homens do Brasil. O fato se deve à experiência difícil de uma relação violenta. Lea era casada com o comediante Juliano Gaspar, de quem se divorciou após tê-lo denunciado por agressão no início de 2023 - ele nega que isso tenha ocorrido.

“O caso está em sigilo, então é complicado, mas é um processo demorado em qualquer país”, diz ela, que espera ainda por punição do ex-marido. “Vou ter que focar, enquanto isso, na minha carreira, fazer as minhas coisas e, na hora certa, eu vou conseguir resolver.”

Após sete anos sendo a “alemã de cria”, Lea se despede da atual turnê com shows em Sorocaba (SP) e Paraná, entre os dias 7 e 10 de novembro. “A partir de agora, vou realizar outros projetos, outras áreas que eu consigo explorar”, adianta.

Ser ou não ser é a questão!

Felipe Xavier/Divulgação



O diretor Leonardo Corajo (em pé, ao fundo) e os 25 integrantes do grupo de atores com deficiência intelectual, autismo e Síndrome de Down

Instituto Teatro Novo apresenta espetáculo encenado por artistas com deficiências diversas com sessão gratuita nesta quinta em Niterói

Ser ou não ser? O que esta citação de Hamlet na tragédia homônima de William Shakespeare (1564-1616) representa para uma pessoa com deficiência? Um grupo de 25 atores com deficiência intelectual, autismo e síndrome de Down propõe compartilhar seus desejos e frustrações por meio de um mergulho na obra e nos personagens da obra clássica do bardo inglês. O resultado é a peça “Mais do que a casca de nós”, realização do Instituto Teatro

Novo, através do projeto da Redes de Escolas Livres de Formação do programa “Olhos D’Água” do Ministério da Cultura.

Com dramaturgia e concepção geral de Leonardo Corajo, o espetáculo será apresentado no Teatro Popular Oscar Niemeyer, em Niterói, nesta quinta-feira (31), com sessão gratuita às 20h. A peça é um encontro entre o texto shakespeariano e a vida dos atores, tomando como ponto de partida a questão universal sobre a nossa própria existência.

“Quando Hamlet, ao lamen-

tar que a Dinamarca era uma prisão, ele diz em sequência que ‘poderia viver recluso numa casca de noz e ainda assim se considerar rei do espaço infinito’. E é isso o que vejo nesses atores: uma imensa potência de criar e viver, mas ainda sob os olhares capacitistas e preconceituosos de uma sociedade que ainda não consegue vê-los em sua plenitude. Cada pensamento deles, cada palavra foi escutada, acolhida e está presente na peça. O espetáculo é, enfim, sobre eles”, explica o professor Leonardo Corajo sobre esse trabalho coletivo, construído durante oito meses e elaborado a partir do que os próprios atores levavam para as oficinas do projeto.

Os atores exploram as emoções dos personagens e refletem sobre questões que também os atravessam: a invisibilidade imposta a Hamlet, o controle sobre Ofélia, a rejeição vivida por Gertrudes, a

violência de Cláudio e a lealdade de Horácio. Tudo isso enquanto enfrentam os desafios de estar em cena, memorizar uma trama complexa e lidar com o texto, que exige expressividade.

“O teatro, por meio desses corpos em cena, nos faz repensar sobre modelos sociais e as diferentes formas de estar no mundo. O corpo diverso precisa ocupar todos os espaços, precisa liderar as próprias narrativas, porque eles existem para si e não apenas para inspirar os outros. Se o teatro é a arte do encontro, feliz sou eu por encontrar pessoas tão maravilhosas, artistas tão potentes”, emociona-se Corajo.

Esses artistas não estão no palco para servir de exemplo de inspiração ou de qualquer outra coisa. Essas narrativas, apesar de poderem parecer poéticas, podem ser limitadoras. Eles estão no palco porque, assim como na peça do bardo inglês, um rei tirano nega ao

príncipe Hamlet o direito de existir. Da mesma forma, muitos tentaram negar a existência plena dessas pessoas. Mas eles estão aqui, com uma imensa potência de criar e viver. Estão em cena porque, como Hamlet, são jovens conscientes de quem são, de suas condições e do que precisam enfrentar para cumprir seus destinos. Somente eles podem falar sobre o desafio de ser em uma sociedade que, muitas vezes, não reconhece plenamente sua existência”, exalta Corajo, que atua como dramaturgo, diretor e professor em diversas companhias teatrais.

O Instituto Teatro Novo é uma organização não governamental sem fins lucrativos, com sede em São Domingos, Niterói, que realiza ações socioculturais voltadas para pessoas com deficiência. Os projetos do Instituto são focados na inclusão, cidadania, empoderamento, empreendedorismo, anticapacitismo (discriminação por motivo de deficiência) e bem-estar.

Com mais de 18 anos de existência, a instituição vem promovendo ações culturais em diversas linguagens artísticas, como teatro, música, artes visuais e digitais. O carro-chefe da instituição sempre foi o teatro, tendo produzido mais de 50 peças e realizado mais de 270 apresentações em 11 capitais do Brasil, além da Colômbia e dos Estados Unidos.

A instituição tem promovido o protagonismo de pessoas com deficiência e a acessibilidade para trabalhadores do setor cultural, oferecendo capacitação e informação. Por meio de oficinas e palestras, sensibiliza e capacita profissionais da área para tornarem seus projetos mais inclusivos, atendendo às necessidades de pessoas com deficiência. Além disso, oferece oficinas exclusivas para pessoas com deficiência que buscam aperfeiçoamento no setor cultural.

SERVIÇO

MAIS QUE A CASCA DE NÓS
Teatro Popular Oscar
Niemeyer (Rua Jornalista
Rogério Coelho Neto, s/nº -
Centro, Niterói) | 31/10, às 20h
Entrada franca